



CURSO DE PEDAGOGIA

**SHERIDA NAYARA ALVES DA SILVA
SYNARA MARIA LOBO DA SILVA**

**AS PERCEPÇÕES DOS PROFISSIONAIS QUE ATUAM NO ESPAÇO ESCOLAR
SOBRE A SÍNDROME DO X FRÁGIL**

**FORTALEZA
2018**

**SHERIDA NAYARA ALVES DA SILVA
SYNARA MARIA LOBO DA SILVA**

**AS PERCEPÇÕES DOS PROFISSIONAIS QUE ATUAM NO ESPAÇO ESCOLAR
SOBRE A SÍNDROME DO X FRÁGIL**

Trabalho de Conclusão de Curso
submetido à Faculdade Ateneu, como
pré-requisito para obtenção do título de
graduada em Licenciatura em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. João Carlos
Rodrigues da Silva

**FORTALEZA
2018**

S586e

Silva, Sherida Nayara Alves da.

As percepções dos profissionais que atuam no espaço escolar sobre a síndrome do X frágil. / Sherida Nayara Alves da Silva; Synara Maria Lobo da Silva. -- Fortaleza: FATE, 2018.

30.

Orientador: Dr. João Carlos Rodrigues da Silva.
TCC (Pedagogia) – FATE, 2018.

1. Síndrome do X frágil. 2. Inclusão. 3. Ensino - aprendizagem. 4. Necessidade especial. I. Silva, Synara Maria Lobo da. II. Título.

CDD 372.2

AS PERCEPÇÕES DOS PROFISSIONAIS QUE ATUAM NO ESPAÇO ESCOLAR SOBRE A SÍNDROME DO X FRÁGIL

THE PERCEPTIONS OF PROFESSIONALS ACTING IN SCHOOL SPACE ON FRAGILE X SYNDROME

Sherida Nayara Alves da Silva¹
Synara Maria Lobo da Silva²

RESUMO

Este artigo tem como tema principal a análise das percepções dos profissionais que atuam em ambientes escolares com crianças de X frágil. Tendo como objetivo central compreender as perspectivas e necessidades dos professores sobre as ações pedagógicas direcionadas à inclusão de alunos com necessidades especiais, mais especificamente sobre a Síndrome do X Frágil. Desta forma, este artigo tem como questionamento principal: Quais as dificuldades existentes que os profissionais da educação encontram para incluir educacional e socialmente o aluno com necessidades especiais, especificamente os sujeitos com a Síndrome do X Frágil? Entre os objetivos específicos podemos citar a verificação sobre a percepção dos profissionais que atuam com alunos com Síndrome do X Frágil, investigar os mecanismos pedagógicos de inclusão utilizados pelos docentes, assim também uma descrição da característica dos sujeitos com a patologia em questão. Utilizou-se nesse trabalho a metodologia descritiva e exploratória, de cunho bibliográfico através de várias pesquisas realizadas em sites, livros e artigos; assim como uma pesquisa de campo. Os resultados obtidos favorecem a hipótese de que a compreensão de quem é o aluno com a Síndrome do X Frágil para poder auxiliar os profissionais da educação nas ações decorrentes ao desenvolvimento intelectual e social destes sujeitos, e minimizar equívocos que podem significar sofrimento e perdas para essas pessoas, quanto ao seu ensino-aprendizado.

Palavras-chave: Síndrome do X Frágil, Inclusão. Ensino-aprendizagem. Necessidade especial.

ABSTRACT

This article has as its main theme the analysis of perceptions of professionals who work in school environments with fragile X children. Having as main objective to understand the perspectives and needs of teachers on the pedagogical actions directed to the inclusion of students with special needs, more specifically about fragile X syndrome. In this way, this article has as main question: what are the difficulties that professionals of education find to include, educational and socially, the student with special needs, specifically the subjects with fragile X syndrome? Among the specific objectives we can mention the perception of the professionals and their perception about the students who have fragile X syndrome, investigate

¹Graduanda em Pedagogia pela Faculdade Ateneu. E-mail: sheridanayara2306@gmail.com

²Graduanda em Pedagogia pela Faculdade Ateneu. E-mail: synaramls@hotmail.com

pedagogical inclusion mechanisms used by teachers, and also a description of the characteristics of the subject with the pathology in question. It was used in this article a descriptive and exploratory methodology, of bibliographical nature through various surveys conducted on websites, books and articles; as well as a field research. The results obtained support the hypothesis that the understanding of who is the student with fragile X syndrome, in order to help the professionals of the educational area in the actions due to the intellectual and social development of these subjects, and minimize misunderstandings that can mean suffering and losses for these people, as for their teaching-learning.

Keywords: *Fragile X Syndrome. Inclusion. Teaching and Learning. Special Need.*

1 INTRODUÇÃO

A diversidade faz parte da característica social do ser humano e diariamente nos deparamos com diferenças, as quais podem ser de natureza variada: raça, crença, saúde, nível social, econômico e cultural, nacionalidade, moradia, personalidade, entre outras. Porém, apesar de vivermos e convivermos com tantas variações, todo sujeito deve ser incluído na sociedade, por meio dos princípios de igualdade.

Os profissionais de educação, os primeiros a entrar em contato com esse mundo diversificado, devem apropriar-se de todo e qualquer conhecimento que aborda a inclusão educacional e social, haja visto interligação entre família sociedade e escola no processo de construção e desenvolvimento de um sujeito, e atualmente se faz necessário agregar ferramentas diferenciadas, as quais auxiliam nesse processo. Nesse contexto, este artigo utiliza-se de um estudo de campo com profissionais que atuam no município do Eusébio. Esses profissionais irão assessorar no trabalho de identificação dos alunos com SXF ou Síndrome de Martin-Bell, assim como as ferramentas pedagógicas que facilitam o desenvolvimento cognitivo e social desses sujeitos.

A decisão pelo tema surgiu porque, enquanto estudantes de pedagogia, percebemos a necessidade de compreender a dinâmica dos profissionais que lidam com essa problemática; assim como entender essa patologia, e investigar a inclusão e o desenvolvimento escolar daqueles sujeitos. O município de Eusébio foi escolhido devido à frequente campanha em suas escolas sobre a temática inclusão.

Dessa forma, este artigo visa oferecer uma melhor percepção aos profissionais que atuam com alunos com Síndrome do X Frágil, para que esses possam intervir no processo de ensino-aprendizado desses estudantes; assim como contribuir na aprendizagem significativa de docentes e discentes sobre a temática abordada.

Fundamenta-se na revisão bibliográfica relacionada ao tema, através de autores contemporâneos, sites institucionais, revistas e artigos; além disso, é enriquecido através de um estudo de campo, aplicando-se entrevista de forma semiestruturada com profissionais da educação que trabalham em escolas regulares e profissionais que trabalham em escolas para alunos com necessidades especiais.

Esta pesquisa apoia-se na concepção de que a educação inclusiva é uma temática compreensivelmente estudada sob a ótica de uma dificuldade ou necessidade existente, assim como os problemas sociais, e conforme Fernandes e Lage (2015, p. 38) “a inclusão contribui para transformar a realidade histórica de segregação escolar e social das pessoas com deficiência, tornando efetivo o direito de todos à educação”. Por esse motivo, vê-se a necessidade de estruturar corretamente as pesquisas sobre a resolução desse problema, e dessa forma, ser capaz de incluir educacional e socialmente todos os alunos com dificuldades especiais, em especial os discentes com SXF, tornando-os sujeitos capazes de fazer parte da sociedade, da forma mais autônoma possível.

Assim, este artigo tem como principal questionamento: Quais as dificuldades existentes que os profissionais da educação encontram para incluir educacional e socialmente o aluno com necessidades especiais, especificamente os sujeitos com a Síndrome do X Frágil? É através desse questionamento que foi desenvolvida a problemática desse trabalho científico.

Portanto, temos como objetivo central compreender as perspectivas e necessidades dos professores sobre as ações pedagógicas direcionadas à inclusão de alunos com necessidades especiais; mais especificamente sobre a Síndrome do X Frágil. Para alcançar esse objetivo, é necessário lançar mão de três objetivos: o primeiro será a verificar a percepção dos profissionais sobre a Síndrome do X Frágil, tendo como meio estruturante uma escola pública de ensino regular e um espaço

escolar público para alunos com necessidades especiais, o segundo é investigar os mecanismos pedagógicos de inclusão utilizados pelos docentes. O terceiro objetivo será descrever as características dos sujeitos com a Síndrome do X Frágil para uma compreensão mais direcionada.

2 ABORDAGEM CONCEITUAL DA SÍNDROME DO X-FRÁGIL

A compreensão, no que diz respeito à SXF, deve ser apoiada sobre a visão do que é uma síndrome e no que se estrutura, haja vista a falta de conhecimento sobre o assunto. Assim, vale destacar, de forma sucinta, que Síndrome é uma terminologia utilizada nas áreas de Medicina e da Psicologia, que, segundo Bechara (2011, p. 1184), é:

1. (Med). Quadro patológico provocado por um conjunto de sintomas de uma doença, com causa conhecida ou desconhecida.
2. fig. Conjunto de sinais que caracterizam determinado comportamento individual ou coletivo.

De acordo com a conceituação dada por Bechara (2011), o sujeito com uma síndrome é caracterizado por uma patologia ou uma condição, visto que a patologia é atribuída às questões orgânicas anormais, e as condições podem ser por um estado permanente ou não.

Nessa ótica, França *et al* (2011) atribuída à SXF, ou Síndrome de Martin-Bell, um *status* de patologia, ou seja, “uma condição de origem genética”. Assim, França *et al* (2011, p. 2) discorre que:

A Síndrome do X Frágil (SXF) é a causa hereditária mais comum de déficit cognitivo (designação preferível às anteriores terminologias de atraso mental ou de deficiência mental). Trata-se de uma doença genética, ligada ao cromossomo X (par do cromossomo Y, é um dos cromossomos sexuais: as mulheres têm dois cromossomos X e os homens possuem um cromossomo Y e um cromossomo X) e deve o seu nome à descrição por Lubs, em 1969, do marcador X (caracterizado por uma constrição na extremidade do braço longo do cromossomo X) em todos os homens com déficit cognitivo de determinada família.

Sobre as observações mencionadas por França *et al* (2011), torna-se válido pontuar as considerações que Franco (2013, p.7) destaca sobre a síndrome em questão:

A Síndrome de X Frágil (SXF) é uma perturbação do desenvolvimento, de etiologia genética, pouco frequente, apesar de se estimar que 1 em cada 260 mulheres ou 1 em cada 300 a 800 homens possam ser portadores.

Dessa forma, vale salientar, por meio das observações de França *et al* (2011, p. 2) e Franco (2013, p. 7), que a síndrome em questão possui várias especificidades. Dentre elas, a complexidade em avaliar e identificar os sujeitos com SXF, já que o diagnóstico preciso só se determina por meio de um estudo genético através de um profissional da área. Porém o seu processo de desenvolvimento deverá ser acompanhado por uma equipe multidisciplinar, pois os sujeitos com a síndrome em questão, segundo Pazzini e Oliveira (2009), têm características comportamentais atribuídas aos portadores do espectro autista e aos de síndrome de Down.

Apesar da complexidade existente na avaliação do sujeito em questão, esse não deve ser excluído ou discriminado no convívio social, tendo em vista que, de forma organizacional e constitucional, na atualidade, o mesmo está incluso no contexto da sociedade humana.

Assim também, segundo Cunha e Santos (2012), mesmo não sendo direcionados para crianças com necessidades especiais, os pressupostos teóricos e metodológicos sociointeracionistas de Vygotsky, que levam em conta o conhecimento do desenvolvimento potencial e real do aluno, e R. Feuerstein baseiam-se na ideia de que o ensino e o aprendizado são satisfatórios por meio da mediação e uma mudança cognitiva estrutural.

Dessa forma, as ideias de Vygotsky e R. Feuerstein podem ser aceitas e agregadas nesse contexto, na perspectiva de conceituar o sujeito com a SXF por meio da sua potencialidade em desenvolver todos os aspectos humanos, como o cognitivo-intelectual-social, para assim ser considerado um sujeito autônomo.

2.1 Concepção Etiológica da Síndrome do X-Frágil

Sob essa perspectiva, destaca-se aqui a complexidade das estruturas biológicas relativas à SXF, que se tornou conhecida por meio da descoberta de J. Purdon Martin e Julia Bell, em 1943, no artigo *A pedigree of mental defect showing*

*sex-linkage*³, sobre a interligação do gene direcionado ao sexo e à deficiência. Segundo Pazzini e Oliveira (2009), somente “nos anos 80 a síndrome foi reconhecida”, mas, antes, em 1969, o Dr. Herbert Lubs relatara uma doença a qual “tem suas causas desenvolvidas por meio de uma má formação genética ligada ao cromossomo X, herdada da mãe”, assim dificultando sua identificação. Porém sua total compreensão só se tornou possível com os estudos e abordagens da ciência genética, para assim ser possível desenvolver formas de intervenções apropriadas à realidade do sujeito.

Para um melhor entendimento do problema, torna-se imprescindível conhecer a estrutura dos cromossomos. Sabe-se que o ser humano é diferenciado pela junção de dois cromossomos, o X e o Y, que são conhecidos como os cromossomos sexuais os quais definem biologicamente o masculino e a feminino. Dessa forma, segundo Azevedo (2011, p. 21), “a mulher tem na sua composição dois cromossomos X, enquanto que o homem traz na sua composição genética um cromossoma X e um Y”.

Sob esta ótica, é possível compreender que, se na formação dos cromossomos XX, ocorrerem alguma alteração em um dos X, a mulher não terá problemas em seu desenvolvimento cognitivo, levando em conta que terá outro cromossomo que auxiliará; porém, se, na formação dos cromossomos YX, que corresponde ao sexo masculino, ocorrer uma alteração direcionada a uma fragilidade ou irregularidade no cromossomo X, esse sujeito terá uma deficiência maior em relação ao feminino.

Nessa perspectiva, Yonamine e Silva (2002) afirmam em “Característica da comunicação em um indivíduo com a Síndrome do X Frágil”, que:

A denominação de SXF relaciona-se à presença de uma região de fragilidade, mais sujeita à ocorrência de quebras ou falhas, ou um sítio frágil [fra(X)], localizado na porção distal do braço longo do cromossomo X, mais especificamente em Xq27. 3. (YONAMINE e SILVA 2002, p. 981)

³Um pedigree de defeito mental mostrando ligação sexual

Por fim, vale salientar que a SXF é uma síndrome que tem em sua origem a hereditariedade, e, conforme Gauderer (1993, *apud* PAZZINI e OLIVEIRA 2009, p. 72), “a síndrome do X Frágil ocupa o segundo lugar, depois da síndrome de Down, como causa de deficiência mental”. Destaca-se, ainda, que as mulheres também podem ser afetadas de forma mais sutil em relação aos homens.

2.2 A criança com Síndrome do X- Frágil

Sobre os estudos dos aspectos que comportam o ser humano, é possível destacar o sujeito em sua totalidade, ou seja, como um sujeito histórico, biológico e cultural, que, segundo Azevedo (2011), a história do estudo de pessoas com deficiências destaca em diversos documentos, relatos de situações e comportamentos de seres humanos com deficiências físicas, sensoriais ou mentais. Assim, a história também destaca o tratamento dado a esses sujeitos, como por exemplo, a escola, que “até ao final do século XVIII não admitia no seu seio todos aqueles que estavam excluídos da ordem social” (AZEVEDO, 2011, p. 6).

Nessa ótica, assim também foi observado por Azevedo (2011), que existia um olhar diferenciado sobre esses sujeitos devido à falta de compreensão e a falta de interesse social. Assim, as mudanças foram ocorrendo significativamente, com a ampliação dos conhecimentos e das necessidades sociais, que, segundo o autor, são representados pelo “conceito de “idade mental”. Assim também os testes de inteligência, ou melhor, a escala de inteligência Binet-Simon⁴, originam uma evolução no sentido da criação de escolas especiais”, e a teoria psicanalítica de Freud, considerado uma grande abordagem no início do século XX, no que diz respeito aos estudos e intervenções das crianças com necessidades diferenciadas.

O conceito de inclusão ou inclusão escolar com relação as abordagens práticas sobre diversas necessidades dos alunos considerados “especiais” são afloradas, defendidas e colocadas em prática no período do século XX, estruturando e direcionando o que é dever do Estado e das instituições privadas, como a oferta para todos os sujeitos e as mesmas condições para o aprendizado, sem qualquer

⁴ O teste de Binet-Simon foi desenvolvido no ano de 1905 pelo psicólogo francês Alfred Binet, e tinha como primeiro objetivo desenvolver recursos de investigação e identificação do grau cognitivo dos alunos. Em 1916 foi melhorado o teste de Binet-Simon por Lewis M. Terman da Universidade de Stanford e deu origem ao Stanford-Binet Intelligence Scale, utilizado como base aos novos testes de Q.I.

diferença. Ideia esta que, de acordo com Azevedo (2011), vai ao encontro da Declaração Universal dos Direitos do Homem (1948).

Entendemos assim, segundo Franco (2013, p 21),

Inclusão não como um problema de um dado momento do desenvolvimento (por exemplo, na ida para escola), mas numa continuidade que engloba a inclusão familiar, educativa, social, cultural e profissional [...] o modo como uma determinada legislação sobre a inclusão nas escolas tem impacto nas vidas e na efetiva inclusão social. [...] a inclusão pode ser um processo em que se adicionam os efeitos de diferentes variáveis: umas individuais e relativas à pessoa (como, por exemplo, os aspetos biológicos ou fenotípicos) outras relativas às interações intrafamiliares e outras relativas às interações com o contexto social.

Ainda, em referência às ideias de inclusão, vale destacar o Decreto-Lei 3/2008 de 7 de janeiro, que mostra sobre a necessidade de:

Planear um sistema de educação flexível, pautado por uma política global integrada, que permita responder à diversidade de características e necessidades de todos os alunos que implicam a inclusão das crianças e jovens com necessidades educativas especiais no quadro de uma política de qualidade orientada para o sucesso educativo de todos os alunos.

O Decreto-Lei 3/2008, de 7 de janeiro, discursa sobre o ensino em todas as faixas etárias escolares, e assim também a todos os espaços educacionais, e especificando as abordagens de ensino e aprendizagem igualitária. No entanto, os sujeitos com dificuldades no aprendizado devem ter um apoio especializado. Porém, mesmo com todas as alegações legais e conceituais sobre os sujeitos com necessidades diferenciadas, a criança com a SXF ainda não é compreendida e ainda não existe um olhar direcionado sobre abordagens interventivas no aprendizado e desenvolvimento dela, considerando que se trata de um sujeito repleto de especificidades.

Assim, Martins (2001 *apud* FRANCO, 2013, p. 21) discorre que: “O aspecto clínico da SXF é muito amplo e inclui desde perturbações afetivas ligeiras e dificuldades de aprendizagem em indivíduos com um QI normal, até graus variados e déficit intelectual e autismo”.

Nesse sentido, pontua-se a necessidade de mais análises sobre o sujeito com a SXF, compreendido assim sob o olhar de sua deficiência mental, pois, segundo Albuquerque (2000 *apud* AZEVEDO, 2011, p. 19).

na realidade, a heterogeneidade da população habitualmente designada como deficiente mental, em termos de etiologias, características comportamentais, necessidades educativas, etc., revela que se trata de um problema prático (e teórico) complexo, multideterminado e multidimensional, não redutível a uma definição unívoca.

Dessa forma, torna-se imprescindível apoiar-se na ideia de que o sujeito em sua especificidade comporta também em sua composição genética competências que podem ser “trabalhadas”, e não pode simplesmente ser definido por uma delimitação funcionalmente intelectual. Essa abordagem teórica e prática sobre a SXF devem estar intimamente ligada à compreensão das distribuições do cromossomo X das crianças, de acordo com a prevalência do sexo.

2.2.1 O emocional e o comportamental

Pontuar características sobre o sujeito com a SXF torna-se necessário para uma compreensão observável e técnica. Sob essa perspectiva, se classificarmos a realidade genética de prevalência em crianças do sexo masculino que são “afetadas” com SXF, afirma-se assim uma característica da síndrome. Porém, não se limita apenas a essa ótica, pois as diversas especificidades, segundo Pazzini e Oliveira (2009, p. 72), “são numerosas e variáveis, [...] principalmente por retardo mental, problemas da linguagem e de comportamento”. No entanto, vale destacar o contexto emocional e comportamental, tendo em vista a importância das relações no desenvolvimento da criança com a SXF.

O sujeito com SXF possui características conhecidas do autismo, como o não gostar do contato físico, a “evitação” do contato visual e a hipersensibilidade sonora. Ele também, segundo Azevedo (2011, p. 24), “apresenta movimentos estereotipados [...], como o *“flapping”*, ações repetitivas com as mãos, como bater com elas ou mordê-las”, característica estas normalmente observadas nos sujeitos com hiperatividade e déficit de atenção.

Segundo Azevedo (2011), as questões comportamentais estão diretamente ligadas às questões emocionais. Sobre esta ótica, Martins (2001 *apud* FRANCO, 2013 p. 21), defende a ideia de que:

Algumas das crianças com SXF apresentam irritabilidade no primeiro ano de vida, geralmente por problemas de integração sensorial e defensividade tátil. As birras e o comportamento hiperativo tendem a iniciar-se por volta do segundo ano de vida, particularmente após a aquisição da marcha (Hatton et al., 2002). As birras parecem geralmente relacionadas com estimulação sensorial excessiva e acontecem frequentemente nos períodos de transição, como no regresso a casa após um dia ocupado ou em ambientes com muitos estímulos.

No que se refere à mesma observação, Azevedo (2011, p. 24) afirma que:

no domínio sensório-motor, podem verificar-se algumas dificuldades na postura, equilíbrio e tônus muscular, alguma dificuldade na propriocepção, ou seja, a noção espaço-corporal, alguns problemas de planeamento motor, de motricidade fina e da lateralidade, que acabam por ser originados por alguma hipotonicidade e pela hiperextensibilidade das articulações.

Sobre as características expostas, observam-se assim os componentes emocionais que implicam diretamente na atenção, na concentração e uma ansiedade, ocasionando um comportamento de depressão, agressividade, obsessão e compulsão.

2.2.2 O cognitivo e as características gerais

Os aspectos cognitivos estão ligados diretamente às concepções de aquisição do conhecimento, ou seja, a cognição diz respeito aos meios que promovem os desenvolvimentos intelectuais, que são diferenciados por cada sujeito, e influenciados pelo meio e pela carga genética. Assim teoricamente tratado sob diversos olhares, como biológicos e sociais.

No caso do sujeito com SXF, torna-se necessário observar todo o contexto biológico e social para compreender o cognitivo e o seu desenvolvimento, porque uma de suas especificidades é o déficit no cognitivo. Assim vale salientar, segundo Yonamine e Silva (2002, p. 983) que:

Os aspectos cognitivos encontram-se alterados nos indivíduos com SXF, pois apresentam alterações perceptuais auditivas e visuais, tais

como discriminação e memória imediata e de curto prazo. Essas dificuldades, somadas às alterações no desenvolvimento neurológico, linguístico e das estruturas lógicas, acabam ocasionando quadro de dificuldade no aprendizado da comunicação gráfica.

Existe uma diferenciação entre cada sujeito portador da SXF, a qual é classificada por “grau” ou nível da deficiência, de acordo com a variação de características cognitivas desses sujeitos, pois alguns conseguem desenvolver a fala normalmente, outros conseguem rapidamente desenvolver por meio de estímulos ambientais, e as mulheres podem conviver e se desenvolver de forma normal.

Assim, conforme Azevedo, (2011, p. 25), o sujeito com a SXF pode apresentar

Vários níveis do desenvolvimento cognitivo, centrando-se algumas na área da fala e da linguagem e outras nos processos e habilidades mentais [...] manifesta dificuldades de comunicação e atraso no aparecimento das primeiras palavras (linguagem expressiva), as quais em muitos casos surgem apenas por volta dos 5 anos de idade [...] No que concerne à área de processos e habilidades mentais, o indivíduo com Síndrome do X Frágil manifesta uma relativa facilidade em tudo o que tenha a ver com a memória visual, captando informação visual de fácil interpretação, fixar-se em detalhes visuais irrelevantes e também aprender por imitação visual.

Porém, para a obtenção de resultados positivos na aprendizagem desses sujeitos, Cunha e Santos (2012, p. 192) afirmam que:

Para Vygotsky (1967/1993), compreender adequadamente o desenvolvimento de uma criança significa considerar tanto seu nível de desenvolvimento real, ou seja, sua capacidade de realizar atividades de forma autônoma; como também seu nível de desenvolvimento potencial, que é a capacidade de desempenhar tarefas com a ajuda de adultos ou de outras crianças mais capazes fornecendo as instruções necessárias, dando uma demonstração, pistas ou assistência durante o processo de aprendizagem.

As ideias de Vygotsky são influenciadoras diretas no ensino escolar e no processo de desenvolvimento dos sujeitos com a SXF, pois quando a escola ou a instituição de ensino busca compreender o nível de desenvolvimento de seus alunos, ela torna possível as descobertas de novas conquistas, e assim o ensino direciona-se integralmente sobre o estágio potencial do aluno.

Os tópicos anteriores apresentam diversos fatores que ilustram, ou caracterizam uma criança com SXF, como por exemplo, a linguagem e a fala que estão ligadas diretamente a cognição, interferindo em todos os aspectos sociais, intelectual e pessoal. Seguindo essa ótica, torna-se necessário pontuar a tabela abaixo elaborada por Pazzine e Oliveira (2009, p. 73).

Tabela 1- Principais características da pessoa com Síndrome do X-Frágil

Principais Características Físicas	Principais Características Cognitivas	Principais Características Psicológicas e Comportamentais	Algumas das Características que podem ser aproveitadas
<ul style="list-style-type: none"> -Rosto alongado -Orelhas proeminentes (“orelhas de abano”) -Hipotonia, flacidez muscular; -Má formação dentária; -Leve prognatismo, projeção da mandíbula para frente; -Prega simiesca, prega única na mão; -Pele fina e suave nas mãos 	<ul style="list-style-type: none"> -Distúrbios de aprendizagem ou dificuldades de aprendizagem, distúrbios manifestados por dificuldades intensas na aquisição e utilização da compreensão auditiva, da fala, da leitura, da escrita e do raciocínio matemático; -Atrasos no desenvolvimento psicomotor; -Deficiência mental 	<ul style="list-style-type: none"> -TDAH, “Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade, é um transtorno neurobiológico, de causas genéticas, que aparece na infância e frequentemente acompanha o indivíduo por toda a sua vida. Caracteriza-se por sintomas de desatenção inquietude e individualidade.” (Centro de Estudos do Genoma Humano, Acessado em 21/09/2008) 	<ul style="list-style-type: none"> -Excelente memória; -Facilidade em identificar logotipos e sinais gráficos; -Geralmente bom vocabulário -Facilidade para cópia; -Habilidade para leitura; -Uso de jargões e frases de efeito.

Fonte: Pazzine e Oliveira (2009, p. 73).

2.3 Práticas relacionais no contexto educacional a respeito de uma criança com a SXF

Uma das principais práticas relacionais que envolvem a criança com X frágil no contexto educacional é a possibilidade de incluí-la na comunidade escolar; pois se sabe que estas crianças com deficiência intelectual têm seus direitos garantidos pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA); assim como nas Convenções dos Direitos da Criança que lutam pela igualdade ao longo do tempo, para que pessoas com deficiência intelectual ou múltipla tenham acesso à escola com estudo de qualidade.

Desta forma, serão usados como base para os argumentos teóricos sobre essas práticas e sobre a necessidade de tal indivíduo ser inserido na escola, na comunidade e na família, os seguintes autores: Bueno (1993), Figueiredo (2009), Mendes (2006), Constituição Federal Brasileira (1988), Declaração Universal dos Direitos Humanos, Correia (1999).

2.3.1 A Necessidade da relação criança-escola-comunidade

Inicialmente, vale ressaltar que toda criança sendo ou não portadora de deficiência intelectual ou múltipla, tem direito de frequentar a escola e assim ser inserida na sociedade, pois segundo a Constituição Federal: “A educação é um direito de todos” (CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988, Art. 205). Assim, a Constituição de 1988 afirma também que o atendimento escolar é obrigatório a todos os indivíduos de 4 a 17 anos, inclusive as pessoas com deficiência física e mental, ou seja, no caso a criança aqui estudada com SXF.

Percebe-se que fazer a relação entre a criança com SXF e a escola não é só uma necessidade ou uma obrigação, mas um direito dela. Através disso é que se inicia o combate ao preconceito, pois a discriminação muitas vezes acontece por falta de conhecimento sobre cada situação e sobre o indivíduo.

Este preconceito acontece dentro da própria escola. A maioria das pessoas, e em parte os profissionais da educação, não sabe como administrar situações quando se fala de crianças especiais dentro da sala de aula. Muitos não sabem que a criança com deficiência pode desenvolver atividades diversas, valorizando a sua capacidade, e a forma de atuação dos responsáveis e professores, isso porque lhes falta formação específica para tal demanda.

Se observarmos o que defende a Declaração Universal dos Direitos Humanos, ela afirma que:

A Assembleia Geral proclama a presente Declaração Universal dos Direitos Humanos como o ideal comum a ser atingido por todos os povos e todas as nações, com o objetivo de que cada indivíduo e cada órgão da sociedade, tendo sempre em mente esta Declaração, se esforcem, através do ensino e da educação, por promover o respeito a esses direitos e liberdades, e, pela adoção de medidas progressivas de caráter nacional e internacional, por assegurar o seu reconhecimento e a sua observância universal e efetiva, tanto entre

os povos dos próprios Estados-Membros, quanto entre os povos dos territórios sob sua jurisdição (CHUEIRI, 2009 p. 57).

Pode-se perceber, com tal declaração, que, diante de várias leis que regem o país, assim como aquelas que não são leis mas tem força de Lei, é direito de todos os sujeitos com deficiências, frequentar a escola regular para que através dela estes possam ser inseridos na sociedade e no convívio com outras crianças.

2.3.2 A Necessidade da relação criança-escola-família

No início das pesquisas sobre as crianças com SXF conscientes das dificuldades que encontraríamos para desenvolver tal assunto, visto que se tratava de uma população pouco investigada, por ser pouco conhecida no nosso país. Porém este foi um dos motivos que nos levou a aprofundar sobre um assunto tão pouco conhecido pelos profissionais da área da educação.

Diante de todo contexto educacional já abordado, é importante inserir este item sobre a relação entre criança-escola-família. A intenção principal é mostrar as vantagens presentes nessa interação para o desenvolvimento intelectual da criança com SXF, assim como sua integração no meio social. Assim, de acordo com CORREIA (1999): “A família constitui uma unidade onde acontecem muitas interações – um sistema interacional. Acontecimentos que afetam qualquer um dos membros da família pode ter impacto em todos os seus membros” (CARTER & GOLDRICK, 1980, apud por MIRANDA CORREIA 1999, p. 147).

Cabe à família estar presente no processo de desenvolvimento cognitivo dessa criança, pois uma boa intervenção acontecerá através do apoio daqueles que convivem e que podem com mais propriedade dissertar e “colocar a par” sobre toda situação do aluno com deficiência intelectual, pois é no seio da família que temos as respostas para alguns questionamentos que são decisivos para trabalhar o desenvolvimento cognitivo deste ser humano com necessidades especiais, como por exemplo, questões hereditárias, DNAs, comportamentos em casa e no convívio social com adultos ou outras crianças, entre outros.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

O estudo presente se desenvolve sobre uma pesquisa de campo direcionada por questionários semiestruturados com profissionais da educação, os quais, para manter a sigilo sobre suas identidades, aqui serão identificadas como entrevistadas A, B, C, D e E. O trabalho foi fundamentado sobre a revisão bibliográfica qualitativa direcionada ao tema (Práticas pedagógicas inclusivas: as percepções sobre a SXF dos profissionais que atuam no espaço escolar), através de autores como Azevedo (2011); Cunha e Santos (2012), sites institucionais, revistas e artigos.

Conforme Gil (2002, p. 43), a pesquisa bibliográfica pode ser definida da seguinte forma:

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Boa parte dos estudos exploratórios pode ser definida como pesquisas bibliográficas. As pesquisas sobre ideologias, bem como aquelas que se propõem à análise das diversas posições acerca de um problema, também costumam ser desenvolvidas quase exclusivamente mediante fontes bibliográficas.

Assim como Gil (2002), Lakatos (2003) conceitua pesquisa de forma sucinta e clara, apoiando-se na defesa de que a pesquisa bibliográfica é o envolvimento de todos os autores que discursaram e tornaram públicos os assuntos relacionados ao tema de estudo, por meio de diversas fontes, como: publicações avulsas, boletins, jornais, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico, revistas, livros, etc., até meios de comunicação orais: rádio, televisão, filmes, gravações em fitas, entre outros.

A pesquisa de campo se deu por meio de observações e da aplicação de uma entrevista semiestruturada com os sujeitos envolvidos (gestão e professoras da APAE- Associações de Pais e Amigos dos Excepcionais e da EMPS-Escola Municipal Paulo Sá), que são considerados como os norteadores na construção deste artigo; assim vale destacar que estão presentes em todas as etapas do trabalho de pesquisa, auxiliando e direcionando a investigação da temática abordada.

Nesta ótica e de acordo com as abordagens contidas neste artigo, Marconi e Lakatos (2011, p. 69) discorrem que a pesquisa de campo deve ser compreendida como:

(...) aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese que se queira comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou relações entre eles.

Dessa forma, esta pesquisa também tem um viés exploratório, considerando-se que, por meio desse processo, foi possível identificar todas as variáveis hipotéticas, responsáveis pela ocorrência do fenômeno que é o objeto de estudo. Assim, através desta pesquisa, foi possível trazer um grande enriquecimento, no que diz respeito ao conhecimento educacional.

O primeiro local de observação foi o NAMME – Núcleo de Apoio Municipal aos Municípios com necessidades especiais, por meio da APAE - Associações de Pais e Amigos dos Excepcionais, localizada no município do Eusébio. Esse espaço é direcionado para sujeito com necessidades especiais. Nele os sujeitos têm acompanhamento por uma equipe multidisciplinar, que acompanha o aluno em todo o seu desenvolvimento (escolar, social, clínico, familiar e outros), porém não acompanha um currículo escolar, e sim, uma proposta global por meio da inclusão.

O segundo local, que também nos deu ferramentas para obtenção dos resultados propostos nesta pesquisa, foi a escola regular EMPS - Escola Municipal Paulo Sá, localizada no município de Eusébio. Foram aplicadas perguntas sobre a formação das entrevistadas, sobre o seu conhecimento em relação à SXF, o comportamento da escola em relação à inclusão de alunos que necessitam de acompanhamento pedagógico diferenciado e em especial alunos com SXF, as técnicas abordadas, e sua motivação sobre a temática em questão.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 Entrevistas feitas com coordenadora e diretora pedagógica

Na ⁶APAE- Associações de Pais e Amigos dos Excepcionais, a entrevista foi realizada com a Coordenadora Pedagógica, aqui chamada Entrevistada A, e na ⁵EMPS - Escola Municipal Paulo Sá, a entrevista foi realizada com a Diretora Pedagógica, aqui chamada Entrevistada B. Buscamos aplicar uma entrevista semiestruturada sobre as ideias sociointeracionistas de Vygotsky e Feuerstein com indagações sobre a proposta político-pedagógica da instituição, objetivando compreender o comportamento da instituição sobre as ações pedagógicas inclusivas, direcionando o olhar para SXF, na qual segundo as gestoras, todos os profissionais responsáveis direto no processo educativo são participantes no direcionamento e na aplicabilidade desse documento.

Nesse contexto, identificamos que é possível compreender a discussão da LDB – art. 14 no que diz respeito à gestão democrática, observando a necessidade de um olhar colaborativo.

I. Participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto pedagógico da escola; II. Participação das comunidades escolar e local em conselhos escolares ou equivalentes (LDB)

A ideia defendida pela LDB – art. 14 acrescenta no PPP (Projeto Político Pedagógico) da instituição ⁶⁶APAE- Associações de Pais e Amigos dos Excepcionais e ⁵EMPS-Escola Municipal Paulo Sá deve ser compreendido sobre as necessidades e comportamentos diários da comunidade educativa, “ilustrada” pela escola/comunidade/sociedade/família/aluno, fazendo-se cumprir as propostas de inclusão, de acordo com a LBI-Lei Brasileira de Inclusão, a qual afirma no artigo 8º que:

É dever do Estado, da sociedade e da família assegurar à pessoa com deficiência, com prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à sexualidade, à paternidade e à maternidade, à alimentação, à habitação, à educação, à profissionalização, ao trabalho, à previdência social, à habilitação e à reabilitação, ao transporte, à acessibilidade, à cultura, ao desporto, ao turismo, ao lazer, à informação, à comunicação, aos avanços científicos e

⁵ Entrevista concedida pela Entrevistada B. [set.2015]. Entrevistador: Sherida Nayara. A. da Silva e Synara Maria Lobo. Eusébio 26/10/2015. Arquivo escrito entrevista coordenador ou diretor. (14 perguntas). As perguntas das entrevistas encontram-se transcritas no Apêndice A. Entrevista concedida pela Entrevistada B. [set.2017].

⁶ Entrevistador: Sherida Nayara. A. da Silva e Synara Maria Lobo. Eusébio 25/10/2015. Arquivo escrito entrevista coordenador ou diretor. (14 perguntas). As perguntas das entrevistas encontram-se transcritas no Apêndice A

tecnológicos, à dignidade, ao respeito, à liberdade, à convivência familiar e comunitária, entre outros decorrentes da Constituição Federal, da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo e das leis e de outras normas que garantam seu bem-estar pessoal, social e econômico. LBI – art. 8º.

Os discursos da LDB e a LBI devem ser integralmente compreendidos e aplicados nos ambientes educacionais, visto a necessidade de todos os sujeitos serem cidadãos inclusos na sociedade. Assim, foram feitas as seguintes perguntas para as gestoras:

O que diz o projeto político pedagógico da instituição sobre inclusão? Qual a atuação da mesma?

Projeto Político Pedagógico é voltado para a inclusão, sendo visto o aluno e não sua deficiência como foco central e sim uma pessoa que apenas é diferente e vai aprender de maneira singular, trabalhando acima do preconceito. (Entrevistada A, 2017)

Que eles fazem parte da escola regular e sejam inseridos em todas as atividades e projetos de acordo com suas limitações. (Entrevistada B, 2015)

Pela sua experiência e vivência, como tem sido a participação da família e da escola no processo de inclusão?

A família já está despertando para a inclusão e a escola cada dia se prepara para esse desafio; existe resistência em alguns casos por parte da família em aceitar as deficiências. O processo é lento, mas trabalhamos para conscientizar a mesma para uma melhor aceitação. (Entrevistada A)

Difícil fazer com que tenha a aceitação e eles participem de todo o processo. É difícil, mas com determinação a gente consegue. (Entrevistada B)

De acordo com as respostas, é possível identificar que o PPP das escolas seguem as regras determinadas pela LDB, assim como as normas da LBI, para poder incluir os sujeitos em um único objetivo, que é a educação sem exclusão.

Buscando direcionar as ideias sobre o objetivo central deste artigo, que é a percepção dos profissionais da educação sobre a inclusão dos sujeitos com SXF, fizemos os seguintes questionamentos:

O que você conhece sobre SXF?

É uma doença genética hereditária que causa deficiência intelectual; síndrome do cromossomo X – acometidos mais em meninos. (Entrevistada A)

É uma patologia já conhecida, temos um aluno que tem e procuramos dar todo apoio ao mesmo e a família, ele tem avançado bastante, interage com todos. (Entrevistada B)

Na escola onde atua, já foi falado sobre a SXF? Você pode relatar?

O NAMME, fazemos estudos de caso e também cursos relacionados às síndromes. Educação Continuada. (Entrevistada A)

Sim. Foi pelo fato de ter um aluno com a Síndrome; além disso, toda sexta-feira a psicopedagoga dá uma formação para as professoras de apoio. A escola não espera uma ação da prefeitura, ela faz acontecer. (Entrevistada B)

Que tipo de ação pode ser sugerida, no sentido de tornar eficaz a inclusão do aluno com a patologia (SXF) na escola e na sociedade?

Primeiramente aceitação da família como parceiras maior diante da síndrome, incluindo na escola comum e atendimento especializado AEE, dentro de uma visão inclusiva. (Entrevistada A)

Um acompanhamento eficaz dedicado a ele através não só das professoras, mas da escola como um todo (Diretora, Coordenadores, AEE). (Entrevistada B)

Nota-se que as perguntas foram pensadas sobre a compreensão de como as gestoras atuam sob as normas determinadas pela LDB – art. 14 e como as mesmas direcionam essa ideia no PPP da escola, somando-se às suas ações de acordo com as necessidades existentes.

Constatamos, nas respostas das gestoras, que a maior dificuldade é a aceitação da família, e o auxílio das mesmas. Assim também é percebido que as gestoras têm um conhecimento claro sobre a SXF porque as mesmas tiveram contato direto com a patologia em questão, porém, as abordagens pedagógicas sobre esses sujeitos são mais objetivas no NAMME, pois é um espaço em que os profissionais atuam somente com sujeitos que tem necessidades especializadas. No entanto a EMPS-Escola Municipal Paulo Sá esforça-se e conduz o desenvolvimento desses sujeitos, dentro de suas limitações, sem excluir a possibilidade de inclusão.

Buscando investigar os conhecimentos sobre inclusão das gestoras, e as práticas pedagógicas utilizados, fizemos os seguintes questionamentos:

Em sua formação inicial (graduação), você foi preparada para a inclusão? Qual a importância desse preparo?

A graduação dá uma noção geral, porém, na especialização temos a oportunidade de termos um aprofundamento maior, contudo a melhor formação é a vivência no núcleo de apoio. A prática e a teoria caminham juntas. (Entrevistada A)

Não. Nenhum de nós está preparado para receber um aluno com alguma necessidade, a preparação vem das experiências que vivemos e buscamos, o que precisamos além da vivência é estudar sempre. (Entrevistada B)

Em sua opinião, existem vantagens para o aluno sem deficiência estudar ao lado de uma criança com deficiência/dificuldade ou vice-versa?

Isso é de suma importância para o crescimento da pessoa com deficiência e também para as demais aceitar de maneira humanizada. (Entrevistada A)

Eles aprendem juntos e o desenvolvimento é bem melhor quando as crianças ditas normais são preparadas para conviver com as deficientes. (Entrevistada B)

Que práticas pedagógicas são utilizadas na instituição para melhor desenvolvimento do aluno com SXF? Existe algum estudioso da educação que inspira para trabalhar com alunos que tenha a patologia em questão?

O Namma atende no AEE (Atendimento educacional especializado). Temos muitos estudiosos como Plouller; Wallon. Contudo como ajuda principal, temos uma equipe multidisciplinar trabalhando a inclusão. (Entrevistada A)

O aluno tem além dos professores um profissional de apoio que o acompanha, além da psicopedagoga que faz o atendimento dentro e fora de sala, além das atividades externas. (Entrevistada B, 2015)

Assim, é possível observar, por meio das respostas, que o conhecimento teórico sobre inclusão se torna limitado se o profissional não buscar os aprofundamentos, porém, a gestão pode auxiliar nesse processo, e também interferir entre a aplicação da teoria na prática.

Podemos observar também que a SXF é uma patologia estudada e compreendida somente por meio de uma vivência ou relato previamente conhecido no ambiente escolar, e que as intervenções pedagógicas devem ser implicadas através de vários sujeitos, ligados no processo educativo, como por exemplo, as demais crianças que não possuem a patologia, e os profissionais que tratam de distúrbios e necessidades diferenciadas.

4.2 Entrevistas feitas com os professores

No mesmo contexto, tornou-se necessário aplicar o questionário com as professoras da, EMPS-Escola Municipal Paulo Sá, aqui nominadas como Entrevistada C⁷ e Entrevistada D⁸; e da APAE- Associações de Pais e Amigos dos Excepcionais, Professora Entrevistada E⁹. O questionário conteve perguntas sobre o seu conhecimento em relação à SXF, as propostas pedagógicas da instituição para os alunos com necessidades especiais, as técnicas abordadas em sala de aula para inclusão e especificamente para alunos com SXF, e motivação sobre a temática em questão.

As abordagens sobre o contexto educacional foram direcionadas sobre os ideais de inclusão sobre esse tema. A professora Entrevistada C afirma que “hoje podemos dizer que os pais estão muito mais presentes e as escolas também estão procurando se adaptar a inclusão” a diretora Entrevistada B discursa que “No NA MME/APAE a inclusão, é mais fácil, acontece de fato. Mas nas escolas em que passei era mais difícil os impedimentos acontecerem”.

Assim, de acordo com a compreensão de Azevedo, (2011, p. 47):

A inclusão terá de estar em cada um dos que estão envolvidos em todo o processo de aprendizagem e socialização, a começar pela

⁷ Entrevista concedida pela Entrevistada C. [set.2017]. Entrevistador: Sherida Nayara. A. da Silva e Synara Maria Lobo. Eusébio, 25/10/2017. Arquivo escrito entrevista professor – escola para alunos com necessidades especiais. (14 perguntas). As perguntas da entrevista encontram-se transcritas no Apêndice B.

⁸ Entrevista concedida pela Entrevistada D. [set.2017]. Entrevistador: Sherida Nayara. A. da Silva e Synara Maria Lobo. Eusébio 25/10/2017. Arquivo escrito entrevista professor. (14 perguntas). As perguntas da entrevista encontram-se transcritas no Apêndice B.

⁹ Entrevista concedida pela Entrevistada E. [set.2015]. Entrevistador: Sherida Nayara. A. da Silva e Synara Maria Lobo. Eusébio, 26/10/2015. Arquivo escrito entrevista professor – escola para alunos com necessidades especiais. (14 perguntas). As perguntas das entrevistas encontram-se transcritas no Apêndice B.

gestão, que é um espelho da filosofia existente naquele espaço de crescimento, e seguindo-se por professores, auxiliares e os próprios alunos, assim como as suas famílias.

Essas abordagens com comunidade educativa tornam válidas as ideias teóricas defendidas na concepção de inclusão, tendo em vista a necessidade integral de interligar escola-comunidade-sociedade-família-aluno, no processo de ensino-aprendizagem, ou na melhor sociabilidade e adaptação de um sujeito educando.

A concepção dessa implicação deve ser inevitavelmente compreendida pelos educadores, pela sociedade e pela família, pois a escola não está presente em todos os momentos diários de um sujeito, e a escola, em parceria com a família, precisa conhecer o nível de desenvolvimento de seus educandos, atuando como um mediador para novas conquistas, sobre estágios do conhecimento real para o potencial, a qual é defendida por Vygotsky por meio da Zona de desenvolvimento proximal – ZDP.

Sobre esse olhar fizemos os seguintes questionamentos às professoras:

O que você conhece sobre SXF?

É uma síndrome [...] poucas pessoas conhecem e sabem como lidar. A criança com essa síndrome tem dificuldades de aprendizagem, afeta mais a parte cognitiva, falta de atenção, concentração, dentre outros. (Entrevistada C)

Uma mutação no cromossoma X, que possuem características com distúrbios de comportamento e no intelectual, afetando mais o sexo masculino. (Entrevistada D)

Tem deficiência intelectual acentuada. (Entrevistada E)

Que tipo de ação pode ser sugerida, no sentido de tornar eficaz a inclusão do aluno com essa patologia na escola regular e na sociedade?

Pode ser trabalhada a socialização, a integração e a afetividade, em atividades em grupos onde o mesmo possa participar de tarefas com os demais. É de grande importância que o professor e o auxiliar de sala, trabalhem juntos, para o melhor desenvolvimento da criança. (Entrevistada C)

Conscientização da síndrome para todo o núcleo escolar; atividades que desenvolva ou aprimore o intelecto ou fala. (Entrevistada D)

Conscientizar os alunos, e funcionários sobre a inclusão.
(Entrevistada E)

Nesse contexto e sobre as observações das professoras, podemos pontuar que é inevitável aplicar-se as concepções de inclusão no processo formativo educacional, social e cognitivo dos sujeitos com SXF, já que esse sujeito necessita de estímulos diários para seu desenvolvimento integral.

As abordagens da Professora Entrevistada C estão apoiadas sobre as ideias de Vygotsky, pois a mesma pontua que, em sua vivência com os sujeitos que têm essa patologia, costuma “trabalhar a parte lúdica enfatizando a afetividade, socialização, questão de limites e ordens simples, tudo para que ele possa ter a independência na vida diária”, visando assim a evolução progressiva de todas as conquistas, para trabalhar o conhecimento real. Por outro lado, a professora (Entrevistada D), busca as abordagens de Montessori, pois, conforme a mesma, o trabalho com o concreto é o melhor caminho para tentar diminuir os movimentos estereotipados.

Tendo em vista que o caminho mais eficaz na socialização de um sujeito é a educação, as ações pedagógicas devem sempre ser baseadas no direcionamento de alguma teoria sobre os objetivos traçados. Também são necessários a compreensão e o acompanhamento da família, porque sem esses apoios as práticas inclusivas não serão objetivas e eficazes. Os educadores devem compreender, segundo Franco (2013, p.170), que “A inclusão de crianças com SXF implica uma reflexão, não apenas sobre o papel da escola, mas também sobre a importância da potencialização da autonomia social.”

Como podemos constatar, a SXF é apresentada por diversos autores por meio da complexidade de suas características, e a comunidade educativa precisa compreender essas características para buscar ferramentas direcionadas as necessidades desses sujeitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo foi possível observar que as ideias de inclusão oferecem suporte às entrevistadas para a socialização e desenvolvimento dos sujeitos com

necessidades especiais; porém, para as ações pedagógicas com sujeitos que tem a SXF, as profissionais contam com abordagens iniciais intuitivas, devidos à limitação nos conhecimentos sobre a síndrome em questão. Assim, foram discutidos e pontuados os conceitos de inclusão, as características da SXF, bem como as práticas educacionais direcionadas a pessoas com SXF. O tema em estudo: Práticas pedagógicas inclusivas: as percepções dos profissionais que atuam no espaço escolar sobre a SXF.

Nesta pesquisa, foi feita uma abordagem sobre a criança com SXF e suas características, para uma melhor compreensão e identificação desses sujeitos; dissertou-se sobre práticas relacionais no contexto educacional com pessoas que tem SXF, incluindo nessa abordagem, a criança-escola-comunidade e família, ou seja, a inclusão; foram realizadas entrevistas com profissionais da educação que atuam ou atuaram com SXF, com o objetivo de atingir a temática da pesquisa.

De acordo com o discurso das professoras e das gestoras, por meio de uma entrevista qualitativa, constatamos que, no espaço escolar, a criança aprende a desenvolver sua autonomia por meio de diversas vivências, e quando o sujeito possui alguma dificuldade na interação social e comunicação, como é o caso da SXF, a inclusão proporciona ou oportuniza o desenvolvimento. O importante é que sejam compreendidas as especificidades desses sujeitos, para uma intervenção efetiva.

Dessa forma, concluímos que os objetivos da pesquisa foram alcançados, visto que, essa era compreender as dificuldades existentes que os profissionais da educação encontram para incluir educacional e socialmente o aluno portador de necessidades especiais, especificamente os sujeitos com SXF.

Por fim, conseguimos atingir os objetivos traçados, e compreender segundo as entrevistas, que os profissionais da educação têm um conhecimento limitado sobre as abordagens inclusivas, porém, os conhecimentos que possuem são aplicados dentro da realidade da escola. Assim também, o conhecimento sobre a SXF só é apresentado e buscado, por meio da necessidade do educador. No entanto, a família é o maior implicador no processo de desenvolvimento dos sujeitos

com SXF, e que as escolas além de compreender a síndrome, precisam conscientizar a família e a comunidade.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, B. L. M. **A inclusão da criança com síndrome do X frágil** – Estudo de caso. Lisboa: Escola Superior de Educação Almeida Garret, 2011.

BECHARA, E. C. **Dicionário escolar da Academia Brasileira de Letras: língua portuguesa**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2011.

BRASIL. Casa Civil. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília: CC, 1996.

_____. **Constituição Federal**. Brasília - DF, 1988.

_____. Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, 23/dez./1996.

_____. **Ministério da Educação e Cultura. Decreto Nº 3.956**, de 8 de outubro de 2001. Promulga a Convenção Interamericana para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Pessoas Portadoras de Deficiência. Brasília: MEC, 2001.

_____. MEC. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Brasileira** (Lei 9394 de 20 de dezembro de 1996). Ministério da Educação. Brasília, 2001.

_____. Lei 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm.> Acessado em 14/05/2018 às 18:07.

BUENO, J.G.S. **Educação especial brasileira integração/ segregação do aluno diferente**. São Paulo: EDUC/PUSP, 1993.

CHUEIRI, V. K. de. Fundamentos do direito constitucional. Curitiba, PR: IESDE. 2009.

CORREIA, L. M.; CABRAL, M. C. M.; MARTINS, A. P. (1999). Pressupostos para o Êxito da Integração/ Inclusão. Em L. M. Correia (Ed.), Alunos com Necessidades Educativas Especiais nas Classes Regulares. Porto Editora. 161-169.

CUNHA, A. C. B.; MAGALHÃES, J. G. **Oficina de aprendizagem mediada: uma proposta de reflexão para prática pedagógica**. Curitiba, PR: Juruá Editora, 2011.

CUNHA, A. C. B. SANTOS, J. G. M. Educabilidade cognitiva de aluno com síndrome do X Frágil: um estudo de caso. **Revista eletrônica: Ciências & Cognição** 2012; Vol 17 (1): 190-204 Disponível em: <<http://www.cienciasecognicao.org>> Acesso em: 12/05/2018 às 18:34.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA e Linha de ação sobre necessidades educativas especiais. Brasília, Corde, 1994.

FERNANDES, A. F. de F.; LAGE, D. de A. **A importância da educação inclusiva na formação docente para o ensino de biologia** – 2015 – Disponível em: <http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/21175_10332.pdf> - acesso em: 16/03/2018 as 13:45

FIGUEIREDO, R. V. A educação infantil e a inclusão escolar. Heterogeneidade, cultura e educação. **Revista Brasileira de Educação**, Brasília: SEE, v.15, n.1, p.121-140, jan.- br.2009.

FRANÇA, D. C. C. et al. Síndrome do x frágil: Relato de Caso. **Revista Faipe**. V. 1, n. 1, jan/jul. 2011.

FRANCO, V. **Síndrome do X Frágil, pessoas, contextos & percursos**. Edições Aloendro. Évora. 2013. Capítulo 1. p. 7.

GAUDERER, E. C. **Autismo e outros atrasos do desenvolvimento**: uma atualização para os que atuam na área- do especialista aos pais. Brasília: Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, 1993. 348p

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, M. K. A.; ACOSTA, A. X. Aspectos gerais da Síndrome do X-Frágil: principal causa hereditária de retardo mental. **Rev. Ciências. Méd. Biol**, v. 6, n. 2, p. 197-203, 2007.

LAKATOS, E. M. **Fundamentos da Metodologia Científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARCONI, M. de A. LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MARTINS, M, P. Perturbações de espectro X frágil: **aspectos clínicos**. Parte 1. Abordagem genética e clínica da Síndrome. Livro de Coletâneas Síndrome de X Frágil, pessoas, contextos & percursos. Organizador Víctor Franco. Universidade de Evora. Isbn 978-989-8408-08-2. p. 21-40, 2013.

MENDES, E. G. A radicalização do debate sobre inclusão escolar no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, v. 11, n. 33, p. 387-405, set./dez.2006.

PAZZINI, P. B.; OLIVEIRA. V. B. Síndrome do X-frágil: orientações aos professores. **Rer. Pedagogia em ação**, v.1, n.2, p. 1-122, ago./nov. 2009.

SANTOS, I. E, dos. **Manual de métodos e técnicas de pesquisas científicas**. 6 ed. rev., atual. e ampl. – Niterói, RJ: Impetus, 2009.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Tradução Neto, J.C.; Barreto, L. S. M.; Afeche, S. C. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

YONAMINE, S. M. SILVA, A. A. Características da comunicação em indivíduos com a síndrome do X frágil. **Arq Neuropsiquiatr** 2002; 60(4): 981-985, Campinas, SP. 2002.

APÊNDICE “A” - Entrevista Coordenador (a) ou Diretor (a)

1. Nome Completo
2. Formação inicial
3. Formação Sequenciada
4. Atuação
- () Infantil () Fundamental () Médio () Técnico () Graduação () Outros
Qual a série ou o curso caso trabalhe com técnico e graduação
5. Local onde trabalha e quanto tempo está na instituição

Sobre Síndrome do X- Frágil

6. O que você conhece sobre Síndrome do X-Frágil?
7. Na instituição onde atua tem algum sujeito com essa patologia?
() Sim () Não () Não Sei
8. Se a resposta da pergunta 07 for (Sim). Que mecanismos pedagógicos são utilizados na instituição para melhor desenvolvimento desse aluno com SXF? Existe algum estudioso da educação que inspira para trabalhar com alunos que tenha a patologia em questão?
9. Na escola onde atua, já foi falado sobre a Síndrome do X-Frágil? Você pode relatar?
10. Que tipo de ação pode ser sugerida, no sentido de tornar eficaz a inclusão do aluno com essa patologia (SXF) na escola e na sociedade?

Sobre Inclusão

11. O que diz o Projeto Político Pedagógico da Instituição Sobre a Inclusão? Qual a atuação da mesma?
12. Em sua opinião, existem vantagens para um aluno sem deficiência estudar ao lado de uma criança com deficiência/dificuldade ou vice-versa?
13. Em sua formação inicial (graduação), você foi preparada para inclusão? Qual a importância desse preparo?
14. Pela sua experiência e vivência, como tem sido a participação da família e da escola no processo de inclusão? Colaboradora ou é um motivo de impedimento? Explicar.

APÊNDICE “B” - Entrevista com Professor (a)

1. Nome Completo
2. Formação inicial
3. Formação Sequenciada
4. Atuação
- () Infantil () Fundamental () Médio () Técnico () Graduação () Outros
Qual a série ou o curso caso trabalhe com técnico e graduação
5. Local onde trabalha e quanto tempo está na instituição

Sobre Síndrome do X- Frágil

6. O que você conhece sobre Síndrome do X-Frágil?
7. Na instituição onde atua tem algum sujeito com essa patologia?
() Sim () Não () Não Sei
8. Se a resposta da pergunta 07 for (Sim). Que mecanismos pedagógicos são utilizados na instituição para melhor desenvolvimento desse aluno com SXF? Existe algum estudioso da educação que inspira para trabalhar com alunos que tenha a patologia em questão?
9. Na escola onde atua, já foi falado sobre a Síndrome do X-Frágil? Você pode relatar?
10. Que tipo de ação pode ser sugerida, no sentido de tornar eficaz a inclusão do aluno com essa patologia (SXF) na escola e na sociedade?

Sobre Inclusão

11. O que diz o Projeto Político Pedagógico da Instituição Sobre a Inclusão? Qual a atuação da mesma?
12. Em sua opinião existem vantagens para um aluno sem deficiência estudar ao lado de uma criança com deficiência/dificuldade ou vice-versa?
13. Em sua formação inicial (graduação), você foi preparada para inclusão? Qual a importância desse preparo?
14. Pela sua experiência e vivência, como tem sido a participação da família e da escola no processo de inclusão? Colaboradora ou é um motivo de impedimento? Explicar.